HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO RECURSO METODOLÓGICO PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA¹

Bruno Silva de Oliveira (UEG – UnU Iporá)

RESUMO: Este artigo objetiva expressar o porquê de se trabalhar com o gênero “histórias em quadrinhos”, já que este constrói-se com inúmeras referências culturais, possui caráter transdisciplinar e capacidade de ser trabalhado em qualquer período escolar. Além disso, este texto trata dos possíveis resultados da inserção deste recurso em sala de aula, como maior interesse pela leitura, desenvolvimento da habilidade interpretativa, analítica e comparativa, transpondo as linguagens verbal (palavras) e não-verbal (imagens). A história em quadrinhos é um gênero textual que ainda não tem grande espaço em sala de aula, oportunizando no entanto, com este artigo obter as confirmações teóricas ou não sobre a afirmação anterior.

PALAVRAS-CHAVE: História em quadrinhos, Língua Portuguesa, ensino de gêneros.

Introdução

O gênero *Histórias em quadrinhos* (HQ's) pode ser utilizado em sala de aula para o ensino de Língua Portuguesa, ainda que nas décadas anteriores aos anos 90 este gênero tenha sido marginalizado e estigmatizado, pois segundo o psiquiatra Fredric Wertham, os leitores deste gênero apresentavam inúmeras anomalias comportamentais, “tornando-se cidadãos desajustados” (RAMOS & VERGUEIRO, 2009, p.12). Mas a partir da década de 90 tudo mudou, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de Língua Portuguesa começaram a incentivar o uso de gêneros não consagrados em sala de aula, no caso das histórias em quadrinhos, visto que perceberam que a inclusão destes auxiliava no ensino-aprendizagem das crianças. Este artigo tem por objetivo refletir sobre a sua inserção nas salas de aulas para o ensino de Língua Portuguesa, justificar a sua utilização e apontar, de modo geral, os principais resultados obtidos com a utilização deste gênero como recurso metodológico.

1 Artigo orientado pela prof^a. esp. Maria Piedade Feliciano Cardoso como trabalho de conclusão do Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e Literaturas I.

1 O ensino de gêneros em sala de aula

Atualmente, o ensino de Língua Portuguesa está voltado para uma prática que não trabalhe somente com conceitos rígidos e fechados, que excluem o aluno e o meio no qual ele está inserido. Os próprios PCN's de Língua Portuguesa abordam este aspecto do ensino da língua, cuja prática a escola deve repensar, pois muitas vezes encara a língua “como algo sem vida e os textos como conjunto de regras a serem aprendidas” (PCN, 1997, p. 30). Ao invés desta perspectiva, o ensino da Língua Portuguesa deve possibilitar que o aluno aprenda sobre “linguagem a partir da diversidade de textos que circulam socialmente”(idem, p. 30).

Segundo Marcuschi (2008), o ensino da Língua Portuguesa “através de textos é hoje um consenso tanto entre linguistas teóricos como aplicados. Sabidamente, essa é, também, uma prática comum na escola e orientação central dos PCN's. A questão não reside no consenso ou na aceitação deste postulado, mas no modo como isto é posto em prática, já que muitas são as formas de se trabalhar texto” (p.51) . Assim, conclui-se que o ensino de língua deve pautar pela diversidade de gêneros textuais² e falar em diversidade de textos remete ao conceito de gêneros proposto por Bakhtin. Segundo ele,

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. (...) A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolavelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 1997,p. 280)

Assim, os gêneros textuais são a fusão de textos que apresentam conteúdo temático, estilo e construção composicional parecidos, tendo uma função enunciativa, e desta forma podemos afirmar, tanto com base na fala de Marcuschi

2 Marcuschi nos elucida que tanto o termo “gêneros discursivos” como “gêneros textuais” são aceitos para classificar as estórias em quadrinhos. Sendo “gêneros discursivos” utilizado por Bakhtin e “gêneros textuais” por Marcuschi.

como de Bakhtin, que é impossível que um indivíduo não se comunique verbalmente através de algum gênero, “isso porque toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual” (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Partindo desta concepção entende que não se pode apenas utilizar os gêneros consagrados, como textos argumentativos, jornalísticos, narrativos, entre outros, no ensino de língua; pois o aluno utiliza e está cercado por uma gama muito maior de gêneros no seu cotidiano, e esta diversidade textual deve ser utilizada para a expansão do seu conhecimento. Observando o que orientam os PCN's, Bakhtin e Marcuschi, vislumbra-se que o gênero “história em quadrinhos” deve ser trabalhado em sala de aula.

2 Porque trabalhar com histórias em quadrinhos em sala de aula

O ensino de Língua Portuguesa³ com histórias em quadrinhos é possível. Porque, segundo Ramos & Vergueiro (2009), elas “propõem aos alunos um bom debate e um maior aprofundamento do que seja o uso da língua portuguesa” (p. 66) e também com elas o professor obtém resultados melhores do que sem elas.

Ramos & Vergueiro no livro *Como usar histórias em quadrinhos na sala de aula* justificam o porquê de se utilizar este gênero em sala de aula. Expõem que os alunos querem ler este gênero, pois os quadrinhos fazem parte do seu cotidiano, sendo este um dos requisitos expostos pelos PCN's. Segundo Passarelli (2004), é bastante simplista⁴ que o professor justifique a boa receptividade dos alunos, mas que esta receptividade também pode ser explicada porque as histórias em quadrinhos fazem “parte do cotidiano comunicativo que não o exclusivamente escolar” (p. 47).

Outra explicação é que as linguagens verbais (palavras) e não-verbais (imagens) juntas ensinam melhor do que isoladas, pois elas prendem a atenção do aluno e fazem com que visualizem os conceitos, ampliando “a possibilidade de compreensão do aluno” (RAMOS & VERGUEIRO, 2009, p. 22), característica esta própria do gênero. E a partir desta leva-se a uma fala de Ramos (2009) sobre a

3 Mas não só ela, como pode se observar no livro “Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula”, Ramos, Vergueiro e outros autores elaboram proposta de planos de aula para o trabalho com História, Geografia e Artes

4 Termo este utilizado pela autora.

união desta diversidade de linguagens e o desenvolvimento do aluno, “ler quadrinhos é ler sua linguagem, tanto em seu aspecto verbal quanto visual (ou não verbal). A expectativa é que a leitura – da obra e dos quadrinhos – ajude a observar essa rica linguagem de um ponto de vista, mais crítico e fundamentado” (p. 14). Ou seja, a união destas duas linguagens constrói a riqueza deste gênero, que possibilita o desenvolvimento do olhar crítico do aluno.

Existe também um alto nível de informações nos quadrinhos, pois fornecem subsídios para um debate entre alunos e professor, informações estas absorvidas através da linguagem presente nos mesmos. Os debates proporcionados pelas histórias em quadrinhos podem ser utilizados como meio de reafirmar conceitos desenvolvidos em sala de aula e que façam parte dos objetivos gerais e específicos do professor para aquela aula.

As histórias em quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura por parte dos alunos, independente de sua faixa etária, pois elas iniciam o gosto pela leitura, e este leitor não fica apenas para as histórias em quadrinhos, mas migra para outros gêneros.

Segundo estudo desenvolvido pela Universidade de Brasília (UnB), intitulado “Retrato da escola”, que objetiva analisar fatores que interfiram na qualidade do ensino e exposto por Passarelli (2004), os “alunos que leem HQ's têm melhor desempenho escolar do que os que se atêm somente ao livro didático. E mais: em alguns casos, o benefício obtido com a leitura de gibis é maior do que o existente quando os alunos têm contato apenas com livros ou revistas de outras natureza” (p. 48). Ou seja, os alunos que têm contato maior com gibis se desenvolvem mais e de forma mais plena do que alunos que têm contato apenas com o livro didático ou com outras formas de literatura.

Ainda segundo Ramos & Vergueiro (2009), as histórias em quadrinhos ampliam o vocabulário do aluno, por mais que elas sejam escritas com linguagem acessível a todos os públicos, pois abordam temas variados, introduzindo vocábulos novos, de forma imperceptível, pertencentes ao tema abordado pelas mesmas.

Além do que as histórias em quadrinhos, com sua linguagem de aspecto elíptico, fornecem margem para leitor pensar e imaginar, já que as HQ's mostram apenas os momentos-chave de seu enredo, possibilitando que os leitores criem situações para este espaço dado pelo autor. Esta característica faz com que o leitor fique instigado a completar as partes que o autor não expressou de forma gráfica,

desenvolvendo o raciocínio lógico do leitor. Segundo Ramos & Vergueiro (2009), na Europa, a utilização das histórias em quadrinhos como apoio ao tratamento de temas escolares de forma lúdica, possibilita um processo de aprendizado mais agradável aos alunos, pois utiliza o imaginário para emergir na aula o lado lúdico dos conteúdos propostos pelo professor.

Outra característica relevante dos quadrinhos é o seu caráter globalizador, pois as HQ's, por serem vinculadas no mundo todo e lidas por inúmeras pessoas de faixas etárias e culturas diversificadas, abordam temáticas que possibilitam que o leitor entenda a história sem que tenha um conhecimento prévio ou familiaridade com o tema abordado pela mesma.

Segundo Passarelli (2004),

um dos fatores que me motiva a lidar com HQ's é a possibilidade de com elas realizar um trabalho que considera os conteúdos a serem contemplados em relação aos aprendentes: conteúdos conceituais (referentes a informações, fatos, conceitos, imagens etc), procedimentais (habilidades, hábitos, aptidões, procedimentos, etc.) e conteúdos atitudinais (disposições, sentimentos, interesses, posturas, atitudes, etc.) como aventa Vasconsellos. (p. 49).

Ou seja, com a utilização de histórias em quadrinho trabalhar com conceitos, procedimentos e atitudes visadas nos objetivos do plano de aula do professor.

Deixando de lado as características das histórias em quadrinhos que valorizam o aluno, passamos a levar em conta o professor, já que este recurso metodológico pode ser utilizado em qualquer nível escolar, desde a alfabetização ao ensino superior. Este aspecto é possível devido à grande quantidade de temas, títulos e histórias existentes, não impondo barreiras para sua utilização em qualquer nível escolar, basta o professor procurar uma história em quadrinho que melhor se encaixe em seu conteúdo proposto.

E também as histórias em quadrinho são acessíveis a todos os professores já que elas estão presentes em vários veículos de comunicação como jornais, revistas, magazines, internet. Além de possuírem um baixo custo.

3 Como produzir um plano de aula ou sequência didática utilizando histórias em quadrinhos como recurso metodológico

A partir do momento em que o professor escolhe as histórias em quadrinhos como recurso para a sua aula, ele já deve ter em mente que não há modelos e padrões na construção de um plano de aula ou de uma sequência didática, de modo geral não há regras ou limites para o professor, além do bom senso. Segundo Ramos & Vergueiro (2009), “no caso dos quadrinhos, pode-se dizer que o único limite para o seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino” (p. 26). Que ele, o professor, pode usar de muitas formas os quadrinhos em sala de aula, basta ter alguns objetivos estipulados e procurar a história que mais se adequa a sua necessidade.

Para selecionar estas histórias, o professor, além de observar os seus objetivos, deve considerar as necessidades de cada período escolar, já que, como foi dito, as histórias em quadrinhos podem ser utilizadas em qualquer fase do ensino.

No pré-escolar, o contato com os quadrinhos é de forma lúdica, sem a intervenção de uma consciência crítica sobre as mesmas, o professor deve trabalhar com narrativas curtas e a criação de quadrinhos pelos próprios alunos.

No ensino fundamental inicial, o contato deve ser inicialmente parecido com o do pré-escolar, mas com o passar do tempo, o professor deve inserir títulos variados, para que o aluno tenha contato com uma diversidade maior de obras e que possa vislumbrar características específicas do gênero.

No ensino fundamental final, os alunos já estão mais familiarizados com o gênero, eles conseguem transpor o que veem nos quadrinhos para a sua realidade, diferenciar questões relacionadas ao gênero masculino e feminino e o processo de criação das próprias histórias em quadrinhos se torna mais crítico e possui mais elementos característicos do gênero, fato este proporcionado devido a familiaridade do aluno com a linguagem dos quadrinhos.

E no ensino médio, os alunos são bem mais críticos do que os das fases anteriores, suas reflexões e produções beiram muito a realidade na qual eles estão inseridos, já não aceitam passivamente determinados recursos e meios de ensino sem uma explicação prévia ou o motivo da inserção do mesmo em sala de aula.

Segundo Ramos & Vergueiro (2009), “a seleção dos materiais em quadrinhos a serem utilizados em aula deve levar em consideração essas características, de forma a atingir resultados mais satisfatórios” (p. 29). Já que ao adequar as histórias

em quadrinhos a um período, os resultados obtidos serão mais expressivos e satisfatórios.

E ainda segundo Ramos & Vergueiro (2009), “o mundo que envolve a área de ensino da Língua Portuguesa (...) tem nas histórias em quadrinhos um forte e pertinente apoio didático”(p. 85). Pois, elas representam contextos reais de uso da Língua Portuguesa; retratam, a seu modo, a sociedade a qual estão inseridas, sendo pertinente a sua análise.

4 Resultados possíveis desta prática

Os resultados obtidos pelo professor ao utilizar as histórias em quadrinhos como recurso metodológico para o ensino de Língua portuguesa não são poucos ou específicos. Porém, os aqui apresentados são os gerais, concebidos a partir da prática de estágio supervisionado de Língua Portuguesa I tendo como fase de ensino o Ensino Fundamental Final.

Um dos mais relevantes é a maior participação do aluno durante a realização da aula, este resultado é possível, a partir de uma leitura coletiva, sendo que neste momento os alunos disputam para ler, tendo como uma solução que agrada a boa parte do alunado a divisão das falas dos personagens e mais de uma leitura também; e a mediação da interpretação da história em quadrinho por parte do professor, possibilitando assim que todos os alunos comentem um pouco da história. Isso acarreta também um maior interesse pela leitura, tanto das histórias em quadrinhos como de outros gêneros.

O debate mediado pelo professor não insere apenas o aluno de forma mais efetiva em sala de aula, desenvolve também as habilidades interpretativas, analíticas e comparativas, pois este debate propicia ao aluno a realização de um intertexto com sua realidade e com outras obras, tanto literárias como midiáticas. O debate também proporciona o desenvolvimento da criticidade do aluno, pois o professor faz com que ele perceba certas nuances do texto que até então ele não havia percebido e cujo conhecimento não havia internalizado.

O aluno também passa a sobrepor as linguagens verbal (palavras) e não-verbal (imagens), conciliando as duas para interpretar de forma mais eficiente e crítica tanto as histórias em quadrinhos como outros gêneros que conciliam as duas linguagens, caso dos filmes, propagandas, entre outros.

Para o professor, a utilização das histórias em quadrinhos facilita a contextualização de conceitos, pois ele pode tanto utilizar frases pertencentes a história, como elaborar frases que possam ajudá-los a explicar novos conceitos inerentes à Língua Portuguesa.

Algumas considerações

Assim, conclui-se que o gênero *histórias em quadrinhos* pode e deve ser utilizado em sala de aula, além de ser proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de Língua Portuguesa; tal prática condiz com a nova proposta de ensino da Língua Portuguesa que enfatiza conceitos do campo da linguística e voltada para o ensino de gêneros, gêneros estes pertencentes a realidade do aluno.

O ensino com HQ's se justifica também porque os alunos querem ler este tipo de história, palavras e imagens ensinam de modo mais eficaz, há um grande nível de informações presentes nas histórias, elas auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura, amplia o vocabulário do aluno, sua estrutura elíptica faz com que o aluno utilize a imaginação e o raciocínio lógico e podem ser utilizadas em qualquer nível escolar.

Além do que as histórias em quadrinhos ajudam o professor a alcançar, de forma mais eficiente, os objetivos por ele propostos em seu plano de aula, desenvolve a criticidade do aluno, aumenta a sua participação em sala de aula, insere os conceitos trabalhados pelo professor em uma realidade mais palpável ao aluno, entre outros objetivos anteriormente expressos, e que o professor expresse em seu plano de aula ou sequência didática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARILHA, Marly. História em quadrinhos e literatura: a disputa pelo leitor. In: TURCHI, Maria Zaira, SILVA, Vera Maria Tietzmann (org.). **Leitor formado, leitor em formação: a leitura literária em questão**. - São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2006. p. 228-239.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. – 2. ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1997. (P. 277 – 325)

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** – Brasília: 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** - São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDONÇA, Marina Célia. Língua e ensino: políticas de fechamento. In: MUSSALIM, Fernanda; & BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**, v. 2 – 6. ed. - São Paulo: Cortez, 2009. p. 233 – 264.

PASSARELLI, Lilian Ghiuro. Os quadrinhos na educação linguística: história, teoria e prática. In: BASTOS, Neusa Barbosa. **Língua portuguesa em caleidoscópio.** São Paulo: EDUC, 2004. p. 47-59.

RAMOS, Paulo & VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** – 3. ed., 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2009.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos.** São Paulo: Contexto, 2009.